



SEÇÃO LIVRE

Discursos e afetos em manuais brasileiros de oratória¹

Discourses and Affects in Brazilian Oratory Manuals

Discursos y afectos en los manuales de oratoria brasileños

Carlos Piovezani²

orcid.org/0000-0002-3612-983X
cpiovezani@uol.com.br

Recebido em: 26 maio 2025.

Aprovado em: 07 jul. 2025.

Publicado em: 07 nov. 2025.

Resumo: O artigo analisa enunciados de dois manuais de oratória publicados no Brasil em distintas condições de produção: *O orador popular* (1958), de Raul Reinaldo Rigo, e *Vença o medo de falar em público* (2009), de Reinaldo Polito. Além de analisar discursos materializados em enunciados desses dois manuais, focalizando, em particular, o discurso da depreciação das classes populares no campo da fala pública, aborda-se ainda a produção discursiva de certos afetos. Uma seção dedicada ao ensino de retórica e outra consagrada a considerações sobre um compêndio de retórica de reconhecido sucesso no Brasil oitocentista preparam a análise. Entre outros, os resultados deste estudo são os seguintes: a identificação da filiação de seus enunciadores a discursos excludentes, motivacionais e meritocráticos; e a constatação de uma atribuição individualizada ao leitor, candidato a orador, tanto de méritos por seus possíveis sucessos oratórios quanto de culpa por seus eventuais fracassos.

Palavras-chave: manuais de oratória; fala pública; Análise do Discurso; história das ideias linguísticas.

Abstract: The article analyzes statements from two oratory manuals published in Brazil under different production conditions: *O orador popular* (1958), by Raul Reinaldo Rigo, and *Vença o medo de falar em público* (2009), by Reinaldo Polito. In addition to analyzing the discourses materialized in the statements in these two manuals, focusing in particular on the discourse of the depreciation of the popular classes in the field of public speaking, the discursive production of certain affections is also addressed. A section dedicated to the teaching of rhetoric and another devoted to considerations about a compendium of rhetoric that was a recognized success in 19th century Brazil prepare the analysis. Among other conclusions, the identification of the affiliation of its enunciators to exclusionary, motivational and meritocratic discourses; and the confirmation of an individualized attribution to the reader, a candidate for public speaking, of both merit for his possible oratorical successes and blame for his eventual failures.

Keywords: Speech manuals; Public speaking; Discourse Analysis; History of linguistic ideas.

Resumen: El artículo analiza enunciados de dos manuales de oratoria publicados en Brasil en condiciones de producción diferentes: *O orador popular* (1958), de Raul Reinaldo Rigo, y *Vença o medo de falar em público* (2009), de Reinaldo Polito. Además de analizar los discursos materializados en los enunciados de estos dos manuales, centrándonos en particular en el discurso de la depreciación de las clases populares en el ámbito del hablar en público, se aborda también la producción discursiva de determinados afectos. Una sección dedicada a la enseñanza de la retórica y otra a consideraciones sobre un compendio de retórica que tuvo un éxito reconocido en el Brasil del siglo XIX preparan el análisis. Entre otras conclusiones, los resultados de este estudio son los siguientes: la identificación de la afiliación de sus hablantes a discursos excluyentes, motivacionales y meritocráticos; y el hallazgo de una atribución individualizada al lector, candidato a orador, tanto del mérito por sus posibles éxitos oratorios como de



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ O autor registra seu agradecimento ao CNPq (Processo 306239/2024-8) e à FAPESP (Processo 2025/00665-0) pelo financiamento de pesquisas das quais foram extraídos resultados divulgados neste artigo.

² Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil.

la culpa por sus eventuales fracasos.

Palabras clave: manuales de oratoria; hablar en público; Análisis del Discurso; historia de las ideas lingüísticas.

Introdução

As palavras, as paixões e o poder estão presentes em toda produção de linguagem humana. Porque não há discurso sem afeto, as sensações e os sentimentos estão na gênese, nas formas e nos efeitos de cada um de nossos enunciados. Certamente, as cargas patéticas e suas manifestações variam nas diferentes materializações dos mais diversos discursos, mas não há fala ou escuta fora de relações de força, de sentido e de sentimento. A constituição histórica, a formulação linguística e a circulação social da metalinguagem não são exceção a essa regra: em nossos discursos sobre a própria fala, há enunciados e enunciações constituídos e constituintes de afetos e sensibilidades³.

"Seria absurdo que a incapacidade de defesa corporal fosse desonrosa, e não o fosse a incapacidade de defesa verbal, uma vez que esta é mais própria do homem do que o uso da força física" (Aristóteles, 2005, p. 94). Eis aí o que afirma Aristóteles já no primeiro capítulo do Livro I de sua *Retórica*. Mais adiante, no capítulo seguinte do mesmo livro, encontra-se a célebre ideia de que "as provas de persuasão fornecidas pelo discurso são de três espécies": o *ethos*, o "caráter moral do orador"; o *pathos*, o "modo como se dispõe emocionalmente o ouvinte"; e o *logos*, o "próprio discurso, pelo que este demonstra ou parece demonstrar" (Aristóteles, 2005, p. 96). Além dessa referência, que prontamente alça as paixões a um importante posto na busca pela persuasão, boa parte do Livro II será integralmente dedicada à exposição do papel decisivo das emoções nos três gêneros da fala pública então concebidos pela retórica: o deliberativo, o judiciário e o epidítico.

Em larga medida, Aristóteles reitera o que era já afirmado por sofistas e retores antigos. No

entanto, também lhe acrescenta contribuições e lhe dá uma inédita sistematização. Sabemos que seu legado conhecerá uma longa posteridade, alguns reflexos e apagamentos e, ainda, certas nuances e modificações. Os retores de Roma propagarão essa herança, promovendo-lhe adaptações e inflexões. É o que podemos observar nesta conhecida passagem de uma das obras de Cícero:

Portanto, será eloquente aquele que no tribunal e nas causas civis falar de tal modo que consiga dar provas do que diz, ser agradável e emocionar seus ouvintes. Dar provas do que diz é uma condição necessária para o orador convencer seu público, mas mostrar-se agradável é fundamental para a obtenção de seu consentimento e emocioná-lo é um imperativo para persuadi-lo. De fato, entre essas três funções, é a emoção suscitada nos ouvintes a mais poderosa para que saíamos vitoriosos das causas que disputamos. Há para o desempenho de cada uma dessas tarefas do orador um estilo próprio de linguagem: um estilo preciso para provar algo, um estilo ameno para agradar ao público e um estilo veemente para comovê-lo, porque é somente aqui que reside toda a potência do orador (Cícero, 2008, p. 25).

É possível observar uma hierarquia nessa recomendação. A capacidade de bem argumentar é indispensável ao convencimento nos desempenhos oratórios judiciais e deliberativos, mas não basta para persuadir os ouvintes. Para isso, o orador precisa ainda se mostrar agradável, de modo a torná-los benevolentes, e é ainda mais imperativo que ele consiga tocar seus corações. Sem a disposição patética favorável dos ouvintes, necessária à adesão afetiva a certa posição, as demonstrações racionais e as imagens positivas de si seriam insuficientes para obter a persuasão.

Já em seu surgimento e ao longo de sua história, a retórica postula a existência de relações constitutivas entre os afetos e a fala pública. Ela o fez, sem dúvidas, de modos relativamente diversos, em condições históricas distintas, produzindo diferentes efeitos. Em todo caso, nela se reitera o papel fundamental da linguagem na construção das paixões provocadas pelos oradores e suscitadas nos ouvintes. Aristóteles

³ Foge de nosso propósito, neste artigo, estabelecer as diferenças ou recensear as distinções estabelecidas por vários especialistas entre "paixões", "afetos", "sentimentos" e "emoções". Para tanto, leitoras e leitores podem recorrer, entre outros, aos seguintes textos e às obras que eles mencionam em suas referências: Pessoa de Barros (1989-1990) e Fiorin (2024).

indica o envolvimento de fatores antropológicos e sociais nessa construção, justamente porque se trata ali de ordenar a agitação dos julgamentos e de identificar uma lógica nas paixões. Em sua *Retórica*, não há recomendações para que o orador as experimente e, assim, possa melhor gerá-las em seu público. Antes, sustenta que não estamos igualmente suscetíveis às paixões na proximidade ou na distância espacial e cronológica dos fenômenos e sujeitos que as provocam: tememos os males "[...] próximos e prestes a acontecer; os males demasiado distantes não nos metem medo. Toda a gente sabe que vai morrer, mas, como a morte não está próxima, ninguém se preocupa com isso" (Aristóteles, 2005, p. 174).

No pensamento aristotélico, a relação entre os afetos e os laços sociais é abordada com base no fato de que os primeiros são gerados e modificados pelos últimos. Se toda sociedade tem mecanismos de controle das emoções de seus membros, parece que boa parte desses mecanismos funciona de acordo com o princípio de que não amamos nem odiamos o outro independentemente de nossas e das suas funções, de nossos e dos seus lugares e estatutos sociais. Uma das causas da ira, por exemplo, reside numa vontade não satisfeita, ou seja, no desejo de algo, que é seguido de certa angústia por não ser obtido conforme se esperava. Aqui novamente a gradação é fundamental.

A ira não é igualmente intensa i) contra quem não colabora com a realização de nossas vontades, ii) contra quem a perturba e iii) contra quem se lhe opõe. De modo análogo, ela aumenta quando quem o faz é um amigo ou alguém que já favorecemos. Nas ocasiões em que os irados são frágeis ou inferiores, sua ira seria menor do que a sentida pelos que são ou se imaginam superiores. Quando a satisfação de seus desejos está ameaçada ou suspensa, a ira dos inferiores pode estar acompanhada do incômodo com a indiferença ou com o menosprezo de sua difícil situação, ao passo que a cólera dos superiores compreenderia não só a frustração do desejo,

mas também a indignação com a desconsideração do inferior e a revolta diante da ação ou da inação de alguém de condição mais baixa, que lhe deveria respeito, subordinação e prestabilidade. Numa palavra, Aristóteles nos mostra que as paixões variam no tempo e no espaço e que elas se alteram ainda em diferentes circunstâncias e conforme os distintos lugares e estatutos sociais. Mas, pelo próprio fato de que, na concepção aristotélica, essa variação não se modifica em condições históricas diversas, constatamos que sua concepção não corresponde ao modo como funciona essa "mesma" e distinta ideia no interior da História das Sensibilidades⁴.

Não há dúvidas sobre a existência dos substratos químicos e fisiológicos das emoções. A partir deles e de sua visada naturalista do ser humano, de outras espécies animais e do mundo, Charles Darwin (2000, p. 328) vai afirmar que os movimentos expressivos das emoções são "inatos ou hereditários". Em sua concepção, as emoções constituem nossas vidas e atravessam os tempos e os lugares, como se se reduzissem a dados da natureza. Contra esse consenso, presente ainda hoje em vários campos do conhecimento, a História das Sensibilidades constatou que elas variam com os processos históricos e as culturas e com as diversas relações entre os sujeitos de distintas classes e grupos de uma sociedade. Elas têm uma história constituída por conjuntos variados de condições culturais e morais, econômicas e políticas, são experimentadas no interior de regimes distintos de sensibilidades, reproduzem e transformam as maneiras de viver e estão condicionadas por situações históricas precisas, que orientam diversamente os afetos e modificam suas extensões e intensidades, suas frequências e seus impactos (Corbin; Courtine; Vigarello, 2016).

Esse princípio da História das Sensibilidades é aqui combinado com postulados, noções e procedimentos metodológicos da Análise do Discurso (AD), com vistas a identificar e a analisar discursos que se materializam em enunciados

⁴ Fizemos uma reflexão mais ampla sobre as relações entre as paixões e a fala pública na retórica e sobre as contribuições da História das Sensibilidades à Análise do Discurso em Piovezani, Curcino e Sargentini (2024).

formulados em dois manuais brasileiros de oratória e, ainda, a estabelecer uma abordagem histórica e discursiva das emoções presentes nesses instrumentos metalinguísticos. É justamente o exame discursivo da linguagem e da metalinguagem que nos permite melhor compreender um aspecto fundamental da primeira daquelas passagens de Aristóteles que mencionamos. Essa compreensão implica a consideração do que parece ser um impensável de seu pensamento ou, ao menos, um não dito que é constitutivo de seu dizer: há escravizados, mulheres, "bárbaros" e empobrecidos a quem nem se cogita dar instrução retórica e voz no espaço público. Tampouco pensa-se sobre se eles teriam ou não confiança ou insegurança, vergonha ou orgulho de tomar a palavra numa assembleia a decidir os rumos da vida pública. O enunciado aristotélico encerra ainda dois outros aspectos importantes: um dito e outro, não. No dito, reside o emprego do lugar-comum *do mais e do menos* e seu efeito de intensificação no entimema ali criado: se é vergonhoso não saber se defender com o corpo, é ainda mais vergonhoso não saber fazê-lo pela fala. Já no não dito, pode-se subentender a vergonha que seria sentida por um plebeu, privado da instrução formal e da frequência das ocasiões de fala pública, caso lhe fosse dada a improvável oportunidade de falar publicamente.

De modo explícito ou discreto, essas e outras coisas foram ditas a respeito das emoções e ainda de suas relações com os discursos. Algumas delas são bastante bem fundamentadas, enquanto outras motivam e/ou reproduzem preconceitos. Em todo caso, a abordagem discursiva desses enunciados torna possível que nós os tomemos não como verdades, mas como processos, práticas e produtos da história que controlam o que dizem e suas maneiras de dizer. Com essa abordagem, aprendemos que, quando um sujeito fala de outrem ou de algo, mais dá elementos e indícios da história, da sociedade e de si mesmo do que revela uma verdade sobre aquele ou sobre aquilo de que ele fala. Além de singularidades subjetivas, o que pode ser constatado aí são as pertencas e identificações

de classe e de grupo, as filiações ideológicas e as modalidades enunciativas do sujeito do discurso. A esse postulado, articulamos aqui este outro princípio: "Ora, por mais que o enunciado não seja oculto, nem por isso é visível; ele não se oferece à percepção como portador manifesto de seus limites e caracteres"; dele deriva esta consequência: "É necessária uma certa conversão do olhar e da atitude para poder reconhecê-lo e considerá-lo em si mesmo. Talvez ele seja tão conhecido que se esconde sem cessar" (Foucault, 1997, p. 128). Constatamos, então, que se encontra aí uma dupla negatividade em sua definição: o enunciado já não é mais algo oculto e não é ainda inteiramente visível. Desse modo, em larga medida, nossa tarefa crítica passa ser a seguinte: tornar visível o que não está oculto.

É a partir dessa abordagem discursiva que analisamos aqui alguns enunciados extraídos de dois manuais de fala pública produzidos no Brasil, em diferentes condições históricas: *O orador popular* (1958), de Raul Reinaldo Rigo, e *Vença o medo de falar em público* (2009), de Reinaldo Polito. Mais especificamente, nosso objetivo consiste em identificar, descrever e interpretar discursos que se materializam em enunciados desses dois manuais, focalizando especialmente o que dizem e o que calam sobre a instrução de sujeitos das classes populares e, ainda, os diversos efeitos e afetos que se projetam em várias passagens das duas obras. A análise de aspectos da constituição histórica e da formulação linguística desse material nos permite apontar para a existência de uma distribuição desigual dos afetos presentes em discursos sobre a fala pública na sociedade brasileira contemporânea. Conjugando Análise do Discurso e História das Sensibilidades, estabelecemos os seguintes princípios: i) há afetos que se materializam privilegiadamente em discursos do campo da fala pública; ii) os discursos desempenham um papel essencial na produção e na reprodução desses afetos, em suas metamorfoses e em nossas experiências; iii) esses afetos mudam no tempo histórico e variam no espaço social, de modo que não são experimentados da mesma forma pelos sujeitos de diferentes

classes e de diversos grupos de uma sociedade, pois tais sujeitos são constituídos por variadas composições interseccionais; iv) os discursos que produzem e reproduzem afetos no campo da fala pública não estão ausentes de outras instituições sociais, de outros campos do conhecimento e de outros gêneros discursivos, mas se materializam principalmente em compêndios retóricos e manuais de oratória.

A pertinência desses princípios será apontada direta e indiretamente ao longo de nossa análise dos referidos manuais de fala pública. Antes de sua realização e para lhe proporcionar melhor contextualização, dedicaremos a primeira seção deste artigo a um breve recenseamento de algumas das reflexões já produzidas sobre o ensino da retórica na Europa, de modo geral, em parte do universo hispânico e, ainda, de modo particular, no Brasil, considerando justamente a condição de material didático desses manuais.

Refluxos no ensino de retórica

Em "La rhétorique en Europe à travers son enseignement" (1992), Françoise Douay-Soublin observa que o auge da hostilidade moderna em relação à retórica foi atingido no final do século XIX. Além de outros fatores⁵, essa hostilidade foi reforçada pelo "surgimento de elites forjadas pela escolarização e preocupadas em negar qualquer traço 'escolar' em suas habilidades" (Douay-Soublin, 1992, p. 495). Sujeitos e segmentos dessas elites, que conseguiram sua ascensão social por meio da educação formal, começaram a insistir na suposta fonte natural e/ou no mérito individual de suas habilidades linguísticas. Os adeptos desse discurso produziam enunciados como o seguinte: "A eloquência não é algo que possa ser ensinado ou aprendido" (Douay-Soublin, 1992, p. 496). Sua ascensão e sua distinção social foram amplamente construídas com base na retórica, cujas técnicas foram, posteriormente, também empregadas para i) negar seu importante papel nessa ascensão, ii) afirmar os talentos naturais e o esforço individual dos emergentes e iii) distorcer

a própria retórica, argumentando que seu ensino era não só inútil mas também e mais gravemente prejudicial.

Elvira Arnoux (2017), por sua vez, aponta certas particularidades dessa operação nos compêndios de retórica e guias de civilidade produzidos no mundo hispânico ao longo do século XIX. Essas obras buscavam "disciplinar o discurso" e contribuíram para a formação da "classe dominante dos novos estados nacionais", principalmente por meio do controle do uso da fala pública pelos homens, no primeiro caso, e da conversa privada pelas mulheres, no segundo. Além disso, Arnoux (2017) ressalta que esse "dispositivo normativo" geralmente se baseava em critérios morais para consolidar a distinção social mediante um rigoroso controle das emoções. Esse dispositivo impôs um fardo adicional de vigilância, domínios emocional e expressivo às mulheres. Na educação das mais jovens, a insistência na necessidade de evitar tanto a alegada "tagarelice" quanto o que se considerava como excessiva timidez "provavelmente gerou insegurança discursiva na maioria dos casos" (Arnoux, 2017, p. 110, 127).

Seguindo Douay-Soublin (2017, p. 113, 114), Arnoux levanta a hipótese de que o refluxo no ensino da retórica no mundo hispânico se deve, em grande parte, ao fato de que "a elite já havia naturalizado as práticas que a retórica regulava"; além disso, com a expansão do ensino, "novos setores entraram nas escolas secundárias e, devido às funções sociais que lhes estavam reservadas, eles não precisavam, na opinião da classe dominante, de conhecimento retórico". No Brasil, ocorre um fenômeno semelhante. Mas as especificidades da história e da sociedade brasileiras produzem práticas e discursos que incidem de modo particular por aqui sobre as ações, as representações e os afetos da fala pública. Essa incidência tem provavelmente efeitos mais amplos e mais intensos do que em outros lugares sobre os sujeitos de nossas maiorias minorizadas. O colonialismo, a escravidão e as ditaduras deixaram marcas profundas de injustiça e de desigualdade no Brasil. Algumas delas se

⁵ Além da própria Douay-Soublin, outros especialistas trataram do conjunto de vários fatores que concorreram para o declínio da retórica, principalmente no século XIX. Entre outros, ver: Acizelo de Souza (1999, 2015), Brandão (1988) e Fumaroli (1999).

transformaram, mas infelizmente estão longe de desaparecer.

Em Portugal, desde o século XVIII, a publicação de *O verdadeiro método de estudar*, de Luiz Antonio Verney, em 1746, produziu um forte impacto no domínio do ensino da fala pública. A obra de Verney concentrava uma série de ideias iluministas; dela derivaram vários compêndios de retórica e, ainda, decretos e documentos normativos afins, tanto lá quanto cá no Brasil. Esses compêndios e decretos apoiavam e reproduziam suas ideias e ampliavam seus ideais, tais como os seguintes: "Todo homem, qualquer que seja o seu estado ou profissão, precisa de saber discorrer com acerto e falar com correção" (Pinheiro⁶ *apud* Duran, 2013, p. 33); "Os compêndios devem conter os princípios fundamentais de qualquer arte ou ciência, expostos de uma maneira simples, clara e breve" (Ribeiro⁷ *apud* Duran, 2013, p. 76), com o objetivo de "difundir a educação entre os populares, norteando sua prática por meio de um tipo de obra cujo custo deve ser baixo e o conteúdo, simples" (Braga⁸ *apud* Duran, 2013, p. 102).

Uma compreensão adequada das passagens desses textos em que lemos "popular", mas também "povo" ou "população", requer esta ressalva: esses termos não se referem a muitas pessoas ou às pessoas mais pobres. No caso dos compêndios, seus autores estavam, antes, se referindo a seus poucos e bem-educados alunos, que já constituíam certa elite naquela sociedade (Duran, 2013, p. 51). Isso não significa que esses ideais "progressistas" estivessem ausentes da produção dos materiais didáticos e do próprio ensino de retórica no Brasil do século XIX. Brandão (1988) afirma que a oratória ocupava um lugar de destaque na sociedade brasileira daquele período, porque ela estava presente nos campos da política e da religião, do ensino e da imprensa e, ainda, em cerimônias sociais bastante diversas. Além disso, indica que havia ao menos três tendências que a concebiam de modo bastante distinto: a primei-

ra, aferrada à tradição retórica antiga, que tinha visão imobilista da história; a segunda, reunindo sujeitos que tanto contestam os "fundamentos retóricos naquilo em que eles representam a cega obediência à tradição" quanto "conservam certos traços das velhas propostas retóricas que eles condenavam" (Brandão, 1988, p. 217); finalmente, a terceira, consistindo na busca pela superação das duas anteriores quanto a "seu enfrentamento da contradição" entre a linguagem e as realidades políticas, sociais e literárias do Brasil, ou seja, as formas oratórias empregadas por seus adeptos estão comprometidas com a descrição e a análise dessas realidades, "mesmo quando traz consigo vestígios do pacto retórico anterior, com o tom declamatório, a sintaxe espreada ou recursos como a hipérbole, o paradoxo e outras fórmulas de efeito" (Brandão, 1988, p. 221).

Em todo caso, o ensino da retórica no Brasil se estendeu até a última década do século XIX, contemplado manifestamente em sua grade curricular. Mesmo com o fortalecimento do ideário romântico e com a busca social e política por uma identidade brasileira, que fundamentava sua progressiva substituição pelas disciplinas de "Literatura nacional" e "História da literatura nacional" (Acízelo de Souza, 1999, p. 83-92), as técnicas e normas retóricas e os padrões oratórios da tradição foram ora mais ora menos mantidos na boca e na pena dos sujeitos que falavam e que escreviam no espaço público brasileiro entre o final do século XIX e o início do século XX. Além disso, é preciso registrar aqui a desconstrução que Acízelo de Souza produz de certo lugar-comum do que se poderia chamar de um "racismo cultural": o de que o gosto pelo estilo pomposo de linguagem seria um traço do caráter nacional. Esse traço por vezes é concebido como característica atávica e sem origem precisa, por vezes é atribuído à herança portuguesa, e por vezes, ainda, é considerado herança do ensino jesuítico. Por meio de uma apreciação histórica e comparativa, Acízelo de Souza (2015, p. 187-188)

⁶ Cf. PINHEIRO, João Carlos Ferreira. Breves notas sobre o sistema de catechese seguido pelos jesuítas no Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 23, 1856.

⁷ Cf. RIBEIRO, Antônio Leite. *Theoria do Discurso Aplicada à Língua Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Régia, 1819.

⁸ Cf. BRAGA, Teófilo. *História da Universidade de Coimbra*. Lisboa: Tipografia da Academia Real de Ciências, 1892.

demonstra que a forte presença da retórica e da oratória na sociedade e do esquema disciplinar que a inseria no ensino formal não era exclusividade do Brasil oitocentista, porque se tratava de grande parte dos repertórios culturais anteriores e exteriores.

Ocupando uma destacada posição no ensino, a retórica "fornecia a base teórica das diversas práticas oratórias então altamente estimadas, que tinham lugar no púlpito, na tribuna parlamentar, em ocasiões sociais as mais diversas" (Acizelo de Souza, 2015, p. 196). Se ela frequentava as intervenções orais dos homens dotados de instrução formal, também marcava presença em seus textos escritos, porque ela "impregnou a literatura, que desenvolveu um gosto pela ênfase e frases de efeito" (Acizelo de Souza, 2015, p. 196). Além disso, no que se refere particularmente ao texto poético, o estilo declamatório "saltava da discrição da página impressa para a desinibição gesticulante, num evidente mimetismo das falas orais públicas, campo originário da retórica" (Acizelo de Souza, 2015, p. 196). Mas, na literatura, também podem ser encontrados registros das duas últimas tendências indicadas por Brandão. O objetivo de muitos de seus adeptos era o de tentar "passar ao largo da retórica, chegando às vezes a hostilizá-la de modo explícito" (Acizelo de Souza, 2015, p. 196).

Apesar das práticas e ideias das duas últimas tendências apontadas por Brandão e do ideal democrático da retórica, segundo o qual qualquer pessoa pode falar bem sobre qualquer coisa, desde que receba instrução e tenha oportunidades de exercício prático para fazê-lo, nos enunciados da maioria desses instrumentos didáticos metalinguísticos se materializavam e se reproduziam discursos elitistas e misóginos que degradavam e/ou excluíam os membros das classes trabalhadoras e as mulheres do universo da oratória. Essas obras colaboraram decisivamente: i) com a formação da eloquência dos oradores e do estilo dos escritores sob o signo das Belas Letras; ii) com a constituição de uma nova classe dirigente de um novo Estado Nacional, que atuaria em sua administração; iii) com certa tendência a produzir efeitos e afetos opostos nos privilegiados e nos

excluídos: de um lado, erudição, autoridade, distinção, reconhecimento, segurança e estímulo; de outro, seus opostos.

Essa distribuição não somente desigual, mas também oposta desses afetos de fala pública, pode ser constatada, entre outros, nos dois manuais brasileiros de oratória que serão aqui objeto de nossa análise.

O orador popular

No momento em que o ensino de retórica já não mais integrava o currículo escolar brasileiro havia algumas décadas, surgiu em 1958 o manual de oratória de Raul Reinaldo Rigo: *O orador popular*. Sua ideia central é a de que um orador é "popular" se consegue obter bons desempenhos oratórios ao proferir discursos nas mais diversas situações sociais, aí inclusas as mais prosaicas, tais como batizados, aniversários, casamentos, funerais etc., diante de públicos bastante variados. Nesse sentido, lemos em sua contracapa: "Contendo uma coleção de discursos sobre todos os assuntos e para todas as cerimônias familiares e da vida social além de belas citações literárias" (Rigo, 1958). Além disso, existe uma correspondência entre "popularidade" e "sucesso", que se estabelece mais particularmente nestas duas passagens paratextuais: "Duas palavras. À guisa de introdução" e "O orador popular ou a arte de falar em público. Explicações preliminares". Já em sua introdução, Rigo expõe alguns juízos estéticos e morais sobre a oratória: "Além de aumentarem dia a dia as ocasiões para falar perante um grupo de pessoas, é tão bonito dizer alguma coisa diante de um auditório, seja ele qual for e qualquer que seja o local onde possamos estar no momento" (Rigo, 1958, p. 4). Esses juízos se formulam ainda mais claramente na sequência:

Papel brilhante fará sempre todo aquele que souber fazer bom uso da palavra. As palmas, as felicitações, os abraços recebidos, por certo jamais fazem mal a ninguém. Falar nos lugares e nas cerimônias diversas da sociedade é um dever que se nos impõe. Acresce que frequentemente nos vemos solicitados, ou mesmo forçados a discursar. Que belo triunfo conquistam então os que se mostram capazes de atender a este convite! E, por outro lado, que triste figura fazem as pessoas que se veem

forçadas a recusar essa honra! Pensais, porém, que é ainda mais doloroso o papel feito por quem aceita, fala e... fracassa, por lhe faltar o devido conhecimento, ou por outra, mostrando-se péssimo orador. [...] Seria perdoável que o ente civilizado não soubesse expressar-se com desembaraço? Consideramos uma vergonha o não saber alguém falar em público, na sua própria língua (Rigo, 1958, p. 5-6).

Não há dúvida sobre o crivo moral com o qual Rigo concebe a prática de falar em público. Conforme vimos, a seleção lexical que utiliza inclui termos e expressões que giram em torno dos eixos do sucesso e do fracasso: "papel brilhante", "palmas", "felicitações", "belo triunfo", "triste figura", "honra", "doloroso o papel", "fracassa" e "vergonha". O contraste entre esses dois eixos é construído e reforçado por dois outros recursos: o primeiro é a complementaridade entre o desempenho do falante e a reação "justa" do ouvinte, uma vez que o "bom uso da palavra" é recompensado com "abraços recebidos" e outros sinais semelhantes de reconhecimento. Assim, a sanção positiva que o falante recebe é o resultado de seu desempenho e de uma conquista que ele obteve. Algo semelhante será dito, ou pelo menos sugerido, sobre seus opostos: o fracasso e a censura. Esse fracasso não é apenas imperdoável, mas também é vergonhoso para o "péssimo orador". Em suma, no plano dos efeitos e dos afetos projetados sobre os leitores do manual, trata-se de conquista, reconhecimento e orgulho num caso, e de falha, culpa e vergonha no outro. Ambos poderiam ser assim respectivamente parafraseados numa modalidade enunciativa que mescla delocução e alocução: "O mérito é todo seu!" e "A culpa é toda sua!".

O segundo desses recursos consiste justamente nas diferentes modalidades enunciativas dos enunciados efetivamente ditos e numa sua determinada disposição na passagem de que trato especificamente aqui. A evidência objetiva de um lado desse contraste começa a ser construída com o uso da terceira pessoa, enfatizada com o tempo, o modo e o aspecto verbal, em "fará", e ainda com o efeito categórico dos advér-

bios "sempre" e "jamais". Em seguida, o dever de falar é constituído pelo uso inclusivo da primeira pessoa do plural. Na sequência, o contraste, que se mostra como algo "incontestável", é reiterado de forma plena e clara com a terceira pessoa, antes de um uso ocasional da segunda pessoa do plural para interpelar diretamente o interlocutor ou, mais precisamente, para projetar o efeito do enunciatário assim interpelado. O referido efeito de evidência, construído com o uso da terceira pessoa, se encontra novamente presente na formulação da pergunta retórica do enunciador. Por fim, a primeira pessoa do plural com a qual se encerra o enunciado tende a ser mais exclusiva e majestosa do que inclusiva, mas, de todo modo, é indubitavelmente generalizante e até impositiva, ao materializar o consenso em torno da "vergonha" de não saber falar em público. Esse consenso, por sua vez, reproduz e ajuda a consolidar o discurso do medo popular de falar em público, que remonta não apenas à passagem do primeiro livro da *Retórica*, de Aristóteles, mencionada em nossa introdução, mas ainda, e bem antes dela, às ofensas, ameaças, humilhações e agressões de Ulisses sobre Têrsites no segundo canto da *Iliada*⁹.

Um pouco mais adiante, em suas "Explicações preliminares", Rigo parte da premissa de que os oradores contemporâneos desfrutam de maior liberdade do que os antigos, apenas para acrescentar que essa liberdade compreende a desvantagem de nos deixar "desorientados, sem saber quem fala bem e quem fala mal, e, portanto, privados de escolher nossos modelos". Para resolver esse problema é que o manual de Rigo se propõe a oferecer modelos de discursos para diferentes circunstâncias ao futuro orador, que só teria de adaptá-los à especificidade de cada contexto de fala: "Recomendamos aos nossos caros leitores que não adotem os discursos apresentados nesta obra em sua totalidade". A essa recomendação, Rigo acrescenta o seguinte: "procurem modificar um pouco as palavras, a extensão da obra, ou mesmo o estilo, tornando-os

⁹ Para uma análise detalhada dessa passagem da *Iliada*, ver Piovezani (2024).

mais apropriados para cada uma das ocasiões em que queiram falar" (Rigo, 1958, p. 9-10).

Ao anunciar os destinatários de sua obra, Rigo (i) indica indiretamente que o ensino de retórica e oratória já não faz mais parte do currículo escolar ("As criaturas ainda jovens, bem como os adultos que nunca tiveram ocasião de treinar, de exercitar-se em assuntos de oratória"), ii) reitera as "enormes dificuldades em fazer um discurso" experimentadas por "todos" aqueles que não alcançaram "certo grau de instrução", iii) afirma oferecer um conjunto diversificado e bem selecionado de peças oratórias e uma série de diretrizes a serem seguidas para que cada leitor "possa, depressa e facilmente, tornar-se um orador" e iv) reproduz o discurso motivacional, meritocrático e alienante: "Querer é poder..." (1958, p. 11). Esse último é mais um típico enunciado desse discurso, que também inclui os de atribuição individualizada e individualizante ao orador do mérito pelo sucesso e da culpa pelo fracasso, conforme indicamos.

Em uma seção intitulada "Maneira de formular um discurso para qualquer ato social ou familiar", na qual dá ênfase especial à necessidade de o orador se dedicar à preparação e à redação de seu discurso antes de apresentá-lo em público, Rigo aborda o processo de formulação do texto novamente de uma perspectiva estética e moral:

Ao escrevermos nossa peça oratória teremos forçosamente de observar umas quantas regras de grande importância, porque se alguém dissesse algo inconveniente ou alguma tolice a um ou dois companheiros, o caso não teria tanta importância, mas qualquer disparate proferido diante de um elevado número de pessoas, ou mesmo um simples erro gramatical mais visível, assim como uma locução mal-empregada ou alguma citação fora de propósito, causam um efeito terrível. [...] Cumpre-nos adotar os termos mais indicados para cada fim, de modo a obtermos umas frases bem-feitas, períodos elegantes e os mais sonoros possíveis, evitando-se a repetição de palavras, o abuso das citações, das locuções etc. Estamos constatando aqui, aos poucos, que não é tão fácil assim a preparação de um discurso bonito e bom, que possa ser aplaudido, apreciado e deixar agradáveis recordações – com sinceridade, nota-se bem, porque o geral é aplaudirem-se todos os oradores, saindo, em seguida, a assacar-lhes críticas severas. Queremos, porém, poupar a um vexame destes e habilitar os novos oradores a

conseguir verdadeiros triunfos e obter palmas justas, merecidas e sinceras da parte dos seus auditórios (Rigo, 1958, p. 14-15).

A distinção entre fala pública e privada é evocada ali para que o autor possa melhor afirmar a relevância dos preparativos para o desempenho oratório, insistindo inicialmente no que deve ser evitado, sem separar claramente o conteúdo e a expressão do que é dito. Isso porque, por um lado, embora indesejáveis, as inconveniências e tolices expressas em particular são menos prejudiciais, porque são ditas em ambientes restritos e para poucos ouvintes. Por outro, quando se trata de algo "proferido na frente de um grande número de pessoas", o que é enunciado com equívoco, ou seja, "qualquer bobagem", ou dito com formas inadequadas, ou seja, "erro gramatical", "locução mal empregada" ou "citação fora de lugar", "causa um efeito terrível". Pequenos deslizos no que é dito ou no modo de dizer em circunstâncias de fala pública podem causar danos enormes.

Com base em sua alegada consideração das especificidades dos diferentes contextos oratórios, Rigo então concilia o que recomenda e o que proíbe: o orador deve se esforçar por formular "frases bem-feitas, períodos elegantes e os mais sonoros possíveis" e evitar tanto "a repetição de palavras" quanto "o abuso das citações e das locuções". As formas e os modos recomendados e aqueles que devem ser evitados desde o início estão menos a serviço de uma intervenção clara e coerente do que de uma exposição que esteja em conformidade com as normas hegemônicas de correção linguística e com consensuais padrões oratórios. O desempenho da fala pública será bem-sucedido, caso haja "preparação de um discurso bonito e bom, que possa ser aplaudido, apreciado e deixar lembranças agradáveis". Nesse sentido, o orador instruído pelo manual será tanto mais "popular" quanto mais evitar "vexames", quanto mais conseguir "verdadeiros triunfos" e quanto mais obtiver "palmas justas" de seus ouvintes. Assim, reitera-se a materialização de discursos em que se produzem tendencialmente, de modo desigual e oposto, os afetos da confiança e do orgulho de falar em público em

alguns e do medo e da vergonha de fazê-lo em muitos outros. Essa reiteração é agora combinada com os riscos de simulação e de dissimulação por parte de membros do público ouvinte, que podem aplaudir e parabenizar o orador em sua frente, mas criticá-lo duramente às suas costas.

Apesar de certa observação de particularidades de seu tempo, como a aceleração da vida contemporânea, que imporia a brevidade como característica dos pronunciamentos, *O orador popular* de Rigo mais preserva e reitera a concepção beletrista tradicional da retórica e da oratória do que rompe com ela ou lhe propõe mudanças. Numa passagem que retoma a ideia da onipotência da fala pública expressa na epígrafe da obra, "Fala, e vencerás em toda parte. Falando, poderás dominar a terra!", podemos observar essa filiação à tradição clássica das Belas Letras: "O falar sempre foi, é e será a mais bela de todas as artes e quem souber falar, tudo consegue". Esses e outros enunciados análogos também preservam e reiteram a ideologia do mérito, ao exigir esforço dos aspirantes a oradores, que só serão "populares" se adaptarem os modelos do manual às circunstâncias específicas em que deverão falar. Como em outras passagens, a redação do seguinte enunciado mistura autoajuda e meritocracia: "os novéis oradores, principalmente se forem esforçados e tiverem boa vontade, poderão adquirir pleno conhecimento da difícil arte de falar em público" (Rigo, 1958, p. 18, 22). Em suma, o povo está ausente de *O orador popular* e, por essa mesma razão, seus membros não são considerados interlocutores da obra nem recebem instrução e incentivo para aliviar seus medos de falar em público ou quaisquer outros de seus afetos negativos semelhantes. De fato, lê-la ou ouvir notícias dessa obra só serviria para semear inseguranças, temores e silêncios.

Vença o medo de falar em público

Outros manuais brasileiros de oratória perpetuam essa tendência de evocar o medo, especialmente o popular, de falar em público, agravando-o consideravelmente, à medida que o tornam cada vez mais constante e manifesto.

Assim, muitos dos manuais mais recentes provocam e reforçam esse medo, sob o pretexto de evitá-lo ou de atenuá-lo. A título de ilustração, limitar-nos-emos a reproduzir alguns trechos do sintomático *Vença o medo de falar em público* (2009), de Reinaldo Polito, cujo "principal objetivo é ajudá-lo, em curto prazo, a combater o medo de falar em público". Em seguida, realizaremos uma análise discursiva desses trechos. Além do próprio título do manual, também as designações dos três capítulos que o compõem concorrem para construir essa espécie de ubiquidade do medo: "Quem tem medo de falar em público?", "Entenda melhor o mecanismo do medo" e "Entenda melhor o medo de falar em público". Além disso, há raríssimas seções desses capítulos nas quais não se registra a palavra "medo" em seus títulos. Nesse manual, esse afeto é pressuposto como algo dado pela natureza e concebido como uma emoção que deve ser controlada em seus excessos. Para isso, o leitor deve não apenas seguir rigorosamente as recomendações de seu autor, mas precisa também fazê-lo com empenho e esforço. A demanda por esse controle emocional se baseia na ideia de que sua falta aumenta as inseguranças e os medos, que, por sua vez, levam a um desempenho oratório ruim e ao fracasso pessoal e profissional.

Diferentemente do manual de Rigo, em que prevalecem certos distanciamentos de enunciação e de interlocução, produzidos pelo uso predominante da terceira pessoa no primeiro e pela mistura entre ela e a primeira pessoa do plural no segundo, na obra de Polito, salvo o uso ocasional da primeira pessoa do plural, há um uso quase onipresente da primeira e da segunda pessoas do singular. Por meio desse uso, produzem-se efeitos de proximidade na relação entre enunciador e enunciatário, de individualização e de personalização de ambos e, ainda, de uma certa interlocução "dialógica" entre eles. Alguns indícios desses usos e efeitos começam a se materializar no próprio título do livro, mas nele também identificamos prenúncios de outros fenômenos, recursos e significados. Há um "eu" ali, às vezes mais ou menos disfarçado nas afirma-

ções pressupostas (i) de que há um sentimento desagradável em falar em público, (ii) de que esse sentimento é único, conhecido e evidente, (iii) de que o outro, o leitor, o experimenta, (iv) de que o desconforto que ele provoca não deve ser ignorado, (v) de que o leitor está investido do desejo, do poder e do dever de combatê-lo e de superá-lo.

Esses pressupostos sustentam e dão origem a uma interpelação individualizada e individualizante do enunciatário. A este último, é imputada uma emoção restritiva e, por isso, o enunciador pode exortá-lo a enfrentá-la e a superá-la. Nesse sentido, mais uma vez já o título do manual de Polito indica a presença de um discurso generalizado e despolitizado sobre os efeitos negativos atribuídos à fala em público. Ao longo do manual, o medo no singular passará a compreender alguma variação de grau e a ser relativamente diversificado. Ele se desdobrará desde "dificuldade" e "desconforto", passando por "impotência", "sofrimento" e "nervosismo", até chegar a "sentimento avassalador" e "pânico". Essa variação de grau não é acompanhada por distinções importantes na natureza desses afetos, nem pela consideração dos processos históricos e das relações sociais que os engendram e os fazem funcionar. Tratarei dessa ausência e de seus efeitos mais adiante.

Voltemos, por ora, à projeção de uma certa interlocução entre enunciador e enunciatário. Por um lado, há individualização, proximidade, personalização e certo esboço de diálogo, mas, por outro, há distâncias e diferenças fundamentais entre ambos: o primeiro, além de se apresentar como um reconhecido especialista no campo da oratória, reitera tanto sua vasta experiência quanto as inúmeras provas da eficácia de seu trabalho. Nesse sentido, Polito atesta não apenas ter transformado o medo de falar em público de inimigo em aliado do orador, mas também tê-lo feito, mesmo nos casos mais difíceis, com rapidez e absoluto sucesso. Em contrapartida, atribui-se ao enunciatário, um "você", os medos de falar em público, o desejo de evitá-los e a obrigação de enfrentá-los e superá-los. A esses sentimentos de vontade e de dever, soma-se o poder do in-

terlocutor, ou seja, esse você amedrontado tem condições e capacidades para fazê-lo. Mas lhe falta, ainda assim, algo essencial: o conhecimento. Isso será fornecido pela leitura do manual do especialista.

No texto introdutório da oitava edição, "revisado, atualizado e ampliado", ao falar da reformulação de alguns de seus livros em suas novas edições, Polito projeta e reforça a série hierárquica de diferenças entre o autor e o leitor:

O projeto conquistou sucesso excepcional, com os livros reformulados atingindo dezenas de edições, permanecendo longos períodos nas listas dos mais vendidos do país, aprovados por rígidas avaliações antes de serem adotados em diferentes programas educacionais de governos municipais, estaduais e federais e publicados por editoras dos mais variados continentes em todo o mundo. Especialmente este livro, que aborda um dos temas mais fascinantes da comunicação – o medo de falar em público –, procurei redigir com a mesma linguagem que uso em sala de aula para ensinar os milhares de executivos, políticos e profissionais liberais que frequentam o Curso de Expressão Verbal. Você observará que desenvolvi conceitos lançando mão de exemplos pessoais e histórias ilustrativas com o objetivo de tornar o texto mais interessante e facilitar seu aprendizado. Como estou há décadas recebendo alunos que quase sempre procuram nossa escola porque querem vencer o medo de falar em público, ao reescrever cada um destes capítulos me vali dessa prática para antecipar suas dúvidas e questionamentos, orientá-lo a partir de suas possíveis dificuldades e responder às perguntas que você provavelmente gostaria de formular. [...] Imagino que você tenha iniciado a leitura deste livro com a esperança de encontrar orientações que o ajudem a vencer o medo de falar em público e a fazer apresentações de forma mais segura e desembaraçada. O resultado do nosso curso e a experiência dos leitores das primeiras edições deste livro me deixam confortável para afirmar que, independentemente da dificuldade que sinta hoje para enfrentar uma plateia, quando você concluir o último capítulo e puser em prática as recomendações que farei ao longo das próximas páginas, seu desempenho será muito mais eficiente e você se sentirá mais confiante e seguro quando tiver de falar em público. Não se preocupe com o nervosismo ou até com o pânico que tenha sentido nas apresentações que já realizou, pois você tem agora uma excelente oportunidade de se transformar em um comunicador diferente, mais tranquilo e que passará a sentir prazer em falar diante das plateias. Estou torcendo por você (Polito, 2009, p. 15-16).

Essas diferenças entre enunciador e enunciatário

rio se reiteram, entre outras muitas passagens do manual, na seguinte, que se encontra já em seu primeiro capítulo, intitulado, como vimos, com a pergunta “Quem tem medo de falar em público?”:

Durante 30 anos ensinando as pessoas a se expressar verbalmente, pude constatar que a maioria dos nossos alunos, dentre todos os motivos revelados, sempre procurou o nosso curso principalmente para combater o medo de falar em público. E para que você possa se tranquilizar, já informo que nunca encontrei um caso sem solução, pois todas as pessoas determinadas e dispostas a enfrentar o problema conseguiram controlar o medo e fazer suas apresentações com segurança. Alguns desses alunos me procuraram com um medo tão acentuado que, nas primeiras apresentações, mal podiam dizer o próprio nome, mas, depois de algumas aulas seguindo as mesmas recomendações que você encontrará neste livro, conseguiram se apresentar diante do público falando com desenvoltura e muito mais confiança (Polito, 2009, p. 18).

O discurso motivacional de autoajuda, a garantia condicional de êxito na superação do medo, prometida pelo autor do manual, assim como as exortações ao leitor e as responsabilidades que se lhe impõem, aparecem também em várias de suas partes, tal como na seguinte:

Minha intenção nesse momento é mostrar que o medo de falar em público pode ser combatido e controlado. É evidente também que, relatando os exemplos de pessoas que superaram o medo, meu objetivo é encorajá-lo ainda mais para abraçar este projeto com confiança redobrada. Entretanto, com a mesma franqueza, logo de início vamos acertar alguns pontos que considero fundamentais para o seu sucesso nesta empreitada: seja obstinado e abrace esta causa com determinação. Você deverá estar disposto a passar por uma transformação, precisará adquirir novos hábitos e outra disposição para a vida, porque, ao superar o medo de falar em público, provavelmente você se sentirá tão bem em vencer um obstáculo que tanto o incomodava que se animará a combater outros problemas que foram deixados “embaixo do tapete”, mas que ainda constituem barreiras para que tenha uma existência plena e muito mais feliz. E que fique bem claro também que este livro não é mais um manual de autoajuda com receitas motivacionais. Minha finalidade é apenas orientar você sobre como se comportar para combater o medo de falar em público. Assim, garanto que será capaz de controlar o medo e de se apresentar falando de maneira competente diante de qualquer tipo de plateia, desde que se proponha a agir com disposição e disciplina. Neste momento você deve estar pensando que essa crença é

muito fácil e bonita no papel, mas que na hora de enfrentar o público tudo será como sempre foi, o medo tomando conta de sua apresentação. Como essa atitude só atrapalha e poderá até impedir que o medo de falar em público seja controlado, por enquanto peço que afaste um pouco esse ceticismo infundado e que se aplique para acatar minhas orientações, porque elas tiveram eficácia comprovada durante décadas em milhares de casos, e muitos deles, com certeza, semelhantes ao seu. Se você se concentrar nesta tarefa de espírito aberto e acreditando que o medo de falar será superado, já terá vencido boa parte do desafio (Polito, 2009, p. 24).

O medo estabelece uma linha divisória fundamental entre o sucesso, se ele se tornar aliado do orador, e o fracasso, se não for superado por um receio ou algo análogo que impeça o aspirante a orador de enfrentá-lo. Aqui, esse medo é único, conhecido, natural, individual e confinado à dimensão psicológica. Isso não significa, entretanto, que seus perigos e as sugestões do enunciador não apontem para a corporeidade desse afeto. A presença e a dinâmica corporal do medo estão manifestamente referidas no enunciado da quarta capa do manual de Polito (2009):

Você já sentiu medo de falar em público?

Já estive – ou se imaginou – diante de ouvintes silenciosos aguardando sua mensagem, o coração batendo mais forte, as pernas tremendo, as mãos suando, o calafrio percorrendo a espinha e a voz enroscada na garganta?

Sente-se incomodado pelo desconforto de se apresentar diante da plateia?

Essa concentrada referência somática e psíquica ao medo de falar em público, que corresponde à projeção de angústias, ansiedades, inibições e temores passados e presentes, é sucedida pela promessa de uma solução definitiva para os problemas decorrentes dessa paixão negativa e restritiva: “Acabe de uma vez por todas com esse sofrimento”. Na mesma frase, também aparece o seguinte complemento, inserido por essa cláusula aditiva sindética: “e passe a falar em público com segurança e tranquilidade”.

O conhecimento, a experiência e a eficiência já demonstrados pelo autor são componentes desse pequeno milagre. Mesmo diante de “um medo tão acentuado” de falar em público, quando, “nas primeiras apresentações, mal conseguiam

dizer o próprio nome" (Polito, 2009, p. 17), seus alunos e leitores, que seguiram suas recomendações, agindo com "determinação", "disposição" e "disciplina", passaram "a fazer apresentações seguras e de boa qualidade" (Polito, 2009, p. 18). A condição desse milagre se torna ainda mais importante e sua dimensão é ampliada à medida que "o medo de falar em público é considerado um dos maiores medos do ser humano" e que "alguns estudos chegam a classificá-lo como o maior de todos" (Polito, 2009, p. 24). Com tudo o que o autor e o manual oferecem, se o leitor não superar seus medos e se tornar um bom orador, e se os medos de fala pública continuarem a frequentá-lo, passará a carregar consigo ainda a culpa individual que já lhe está sendo atribuída.

Considerações finais

Como vimos, tanto o que os enunciadores dizem sobre si mesmos, sobre os outros e sobre seus leitores, bem como sobre os afetos de fala pública, quanto as maneiras pelas quais eles formulam seus enunciados nas duas obras de oratória aqui examinadas são, em grande parte, diferentes. Suas diferenças derivam principalmente das diferentes condições históricas de produção dos discursos que se materializam em cada uma delas. Entre outros fatores, um aspecto fundamental dessa diversidade reside no fato de os dois manuais terem sido produzidos em duas fases distintas de nossa era neoliberal: o de Rigo, numa época de sua consolidação, enquanto o de Polito, já em seu apogeu. Identificamos a presença da ideologia hiperindividual e meritocrática em ambas as obras, mas também um seu incremento na passagem da primeira para a segunda. Dessa e de outras ideologias correlatas, derivam a maior parte das inseguranças, dos medos e dos pânicos de falar em público e seus agravantes de culpa, de resignação e de frustração pessoal, diante da forjada incapacidade oratória concebida como individual, natural e/ou merecida.

Apesar de suas diferenças, cada um desses instrumentos metalinguísticos contribui, à sua

maneira, para a reprodução de discursos que constroem efeitos e afetos relativos à fala pública não apenas distintos, mas também opostos em sujeitos de diferentes classes e grupos sociais. Entre os sujeitos que pertencem e/ou emergem de classes e grupos marginalizados e excluídos, os medos de falar publicamente tendem a ser mais frequentes e intensos. Os compêndios de retórica e os manuais de oratória concorrem para potencializar esse quadro ou, ao menos, para que ele seja mantido. Além desse aspecto mais ou menos pontual, a história e a sociedade brasileiras são profundamente marcadas pelo colonialismo, pela escravidão e pelas ditaduras, que foram experiências históricas avassaladoras, atroz e repletas de racismo, ódio de classe, sexismo e outros males, cujos legados de desigualdade e injustiça nos dão prova cotidianamente de sua força. Nesse cenário, junto com o suor, as lágrimas e o sangue dos perseguidos e humilhados, formou-se e consolidou-se no Brasil um grande desprezo pela linguagem popular¹⁰.

Em nossa época, as reproduções e modificações históricas, o capital econômico, social e cultural, o pertencimento e a identificação com determinadas classes e grupos da sociedade tendem a desaparecer das considerações sobre a fala em público para enfatizar cada vez mais a suposta incapacidade pessoal, como já apontamos. Nesse sentido, entre outros prejuízos à reflexão e à transformação social, perde-se de vista o fato de que a competência e a dificuldade de falar em público e os valores atribuídos às performances oratórias, na gradação cujos polos são a eloquência perfeita e o sucesso absoluto, por um lado, e a incapacidade total e o fracasso catastrófico, por outro, são criações históricas e consensos sociais. O resultado de tudo isso é a variação e/ou o acúmulo de diversas inibições, medos muito precisos e localizados, ansiedades flutuantes e difusas, bem como fobias e pânicos constantes e repressivos. Embora esses afetos possam afetar qualquer sujeito em uma sociedade, eles parecem ser mais frequentes em nossos

¹⁰ Tratamos desse fenômeno em Piovezani (2020).

tempos de neoliberalismo, entendido como um modo de vida e de administração do sofrimento. Não há dúvida, entretanto, de que no Brasil eles afetam de forma muito mais constante e profunda aqueles que mais sofrem.

Referências

ACÍZELO DE SOUZA, Roberto. A retórica no Brasil do século XIX: dos anos de glória à perdição. In: COURTINE, Jean-Jacques; PIOVEZANI, Carlos (org.). *História da fala pública*. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 185-201.

ACÍZELO DE SOUZA, Roberto. *O império da eloquência: retórica e poética no Brasil oitocentista*. Rio de Janeiro: UERJ, 1999.

ARISTÓTELES. *Retórica*. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 2005.

ARNOUX, Elvira. Los manuales de retórica y los de urbanidade del siglo XIX: el control de las emociones como marca de distinción. *Rétor*, Buenos Aires, v. 7, n. 2, p. 110-134, 2017.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Paixões e apaixonados: exame semiótico de alguns recursos. *Cruzeiro Semiótico*, Porto, n. 11-12, p. 60-73, 1989-1990.

BRANDÃO, Roberto de Oliveira. Presença da oratória no Brasil do século XIX. In: PERRONE-MOISÉS, Leila (org.). *O Ateneu: retórica e paixão*. São Paulo: Brasiliense: EdUSP, 1988. p. 213-226.

CÍCERO. *L'orateur*. Paris: Les Belles Lettres, 2008.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (org.). *Histoire des émotions*. v. 1. Paris: Seuil, 2016.

COURTINE, Jean-Jacques; PIOVEZANI, Carlos (org.). *História da fala pública: uma arqueologia dos poderes do discurso*. Petrópolis: Vozes, 2015.

COURTINE, Jean-Jacques; PIOVEZANI, Carlos. Discursos do medo na era da ansiedade. In: CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice (org.). *O discurso e as emoções: medo, ódio, vergonha e outros afetos*. São Paulo: Parábola, 2024. p. 163-190.

DARWIN, Charles. *A expressão das emoções no homem e nos animais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DAVID, Jean-Michel. Eloquencia popularis et conduites symboliques des orateurs à la fin de la République. *Quaderni Storici*, Roma, v. 2, n. 12, p. 171-211, 1980.

DOUAY-SOUBLIN, Françoise. La rhétorique en Europe à travers son enseignement. In: AUROUX, Sylvain (org.). *Histoire des idées linguistiques*. Liege: Mardaga, 1992. p. 408-507.

DURAN, Maria Renata. *Retórica à moda brasileira*. São Paulo: Unesp, 2013.

FIORIN, José Luiz. Paixões e apaixonados na linguagem. In: PIOVEZANI, Carlos; CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice (org.). *O discurso e as emoções: medo, ódio, vergonha e outros afetos*. São Paulo: Parábola, 2024. p. 44-58.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense, 1997.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2001.

FUMAROLI, Marc (org.). *Histoire de la rhétorique dans l'Europe moderne (1450-1950)*. Paris: PUF, 1999.

PIOVEZANI, Carlos. *A voz do povo: uma longa história de discriminações*. Petrópolis: Vozes, 2020.

PIOVEZANI, Carlos. Afetos da fala pública: uma breve cartografia de desigualdades. In: BRAGA, Amanda; de SÁ, Israel de (org.). *Cartografar as desigualdades: cartografar com Foucault*. Campinas: Pontes, 2024. p. 127-157.

PIOVEZANI, Carlos; CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice. As emoções nas ciências da linguagem. In: PIOVEZANI, Carlos; CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice (org.). *O discurso e as emoções: medo, ódio, vergonha e outros afetos*. São Paulo: Parábola, 2024. p. 7-43.

POLITO, Reinaldo. *Vença o medo de falar em público*. 8. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

RIGO, Raul Reinaldo. *O orador popular*. Rio de Janeiro: Livraria H. Antunes, 1958.

VERNEY, Luis Antônio. *O verdadeiro método de estudar*. Valença: Antonio Balle, 1746.

Carlos Piovezani

Professor associado do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSCar, pesquisador do CNPq e coordenador do Laboratório de Estudos do Discurso. Suas pesquisas tratam da história da fala pública, do discurso político e de discursos da mídia. Além de vários artigos e capítulos publicados no Brasil e no exterior, entre suas publicações, destacam-se as obras: *A voz do povo: uma longa história de discriminações* (Vozes), *A fala feminina: silenciamentos e resistências* (Jandaira), *A linguagem fascista* (Hedra), *O discurso e as emoções* (Parábola), *História da fala pública* (Vozes), *Legados de Michel Pêcheux* (Contexto), e *Verbo, corpo e voz* (Unesp). Foi professor convidado na EHESS/Paris e professor visitante na Universidade de Buenos Aires (UBA).

Endereço para correspondência

CARLOS PIOVEZANI

Universidade Federal de São Carlos, Departamento de Letras

Rodovia Washington Luis, Km 235 SP-310, 13565-905
São Carlos, São Paulo, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.